

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## IMAGINANDO FUTUROS: A COLAGEM COMO EXERCÍCIO DE ATENÇÃO E CRIAÇÃO DE ESTÓRIAS

Raphaela de Toledo Desiderio  
Universidade Federal da Fronteira Sul  
raphadesiderio@gmail.com

Giovana Finato Zabot  
Universidade Federal da Fronteira Sul  
giovanazabot@gmail.com

### Resumo

Imaginar futuros pode ser um exercício difícil em tempos de precariedade. Este texto surge da aposta de exercitar a atenção com imagens e com elas criar histórias para pensar as mudanças do planeta com estudantes do Ensino Médio e Superior e que fazem parte do núcleo de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade Federal da Fronteira Sul *campus* Erechim/RS. Toma como referências as noções de exercício de atenção e da importância da invenção de histórias que nos façam permanecer, estar presentes para imaginar futuros que não estão descolados do presente. Uma carta estratigráfica e ilustrações dos eventos geológicos, climáticos e biológicos de cada era e período da história do planeta compõem as materialidades utilizadas na atividade, buscam acionar diferentes compreensões de mudanças e como elas se relacionam com os diferentes espaços e tempos. É fato que a intensidade das mudanças nos últimos séculos e os impactos dos modos de vida das sociedades chamam a atenção quando comparadas a diferentes eras e períodos da história do planeta. A colagem aparece como dispositivo capaz de produzir espaços educativos para compor mundos possíveis de serem acessados pela via do exercício com as imagens. As composições imagéticas elaboradas pelos estudantes apontam para diferentes histórias de futuros, alguns mais tecnológicos, outros mais desastrosos, apocalípticos e pessimistas para algumas espécies, mas em todas elas é possível perceber uma vontade de mudança.

**Palavras-Chave:** Colagem. Mudanças Climáticas. Histórias.

### Uma proposição... pensar as mudanças...

De fato, vivemos em um estado global de precariedade e instabilidade, e não temos outra opção senão acessar a vida nestas ruínas (Tsing, 2022). Certamente, poderíamos nos referir às ruínas enquanto uma possibilidade de estar presente e permanecer com a precariedade das condições de vidas no planeta, é isso o que faz a antropóloga estadunidense quando caminha com os cogumelos. Habitar a barriga do monstro (Haraway, 2022), ficar com o problema, semear mundos (Haraway, 2023), habitar as ruínas do capitalismo (Tsing, 2022) são noções que guardamos em nossas bolsas e nas quais apostamos para criar espaços de atenção, de criação de histórias que importam.

Daquela proposição nos interessava as estórias que surgiriam a partir de um exercício de atenção com as imagens. Nos solicitaram uma oficina sobre mudanças climáticas com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública estadual. Mas como escapar de discursos que anunciam incessantemente um mundo em colapso? Se a mudança é uma condição inevitável para a trajetória da diversidade de vidas no planeta, por que quando o assunto são as transformações das condições climáticas na Terra somos inundados por sentimentos de ameaça, destruição, extinção de modos de vida e, majoritariamente, imaginamos cenários catastróficos?

No sentido de compreender as tais mudanças climáticas dos tempos atuais e suas consequências não só para humanidade, mas para diferentes espécies, tratamos de estabelecer um diálogo ao apresentar um panorama das diversas transformações geológicas, climáticas e biológicas que ocorreram ao longo da história da Terra. O intuito era reunir elementos para que nós e os estudantes pudessemos pensar na mudança como parte da trajetória do planeta e de suas diferentes formas de vida. Afinal, o que somos e o espaço que habitamos hoje é resultado de transformações de diferentes tempos. Mudanças na estrutura geológica e atmosférica da Terra sempre ocorreram, e consequentemente modificaram a dinâmica climática global inúmeras vezes. A perspectiva de transformação torna o planeta um sistema de evolução, dinâmico e que opera a bilhões de anos e continua se modificando, o que impacta diretamente nos desdobramentos da vida biológica.

Para iniciar a conversa sobre a história do planeta apresentamos aos estudantes uma carta cronoestratigráfica. Com a carta é possível obter um panorama geral e sintético dos principais eventos geológicos e biológicos desde o éon Hadeano. A carta inclui informações sobre as eras e os períodos de cada éon, a composição atmosférica predominante em cada um deles, as condições climáticas, a tectônica global (disposição dos continentes), o surgimento e apogeu de diferentes grupos de seres vivos, bem como eventos de extinção em massa registrados ao longo do tempo geológico. Ilustrações dos principais eventos de cada era e período foram projetadas na parede da sala.

A formação da Terra teve início há aproximadamente 4,5 bilhões de anos, em um período conhecido como Éon Hadeano, e marcado por intensa instabilidade geológica e gravitacional, ausência de crosta sólida, elevado vulcanismo e frequentes impactos de asteroides. Embora o Hadeano seja amplamente utilizado na literatura geológica, sua reconstrução ainda apresenta grandes desafios, principalmente devido à escassez de evidências empíricas como rochas preservadas e fósseis. Durante quase dois bilhões de anos não houve formas de vida no planeta. Apenas no Éon Arqueano, com o acúmulo de água na superfície e seu consequente resfriamento, tornou-se possível o surgimento dos primeiros microorganismos.

Ao longo dos dois bilhões de anos seguintes, durante o Éon Proterozoico, a Terra passou por um processo gradual de consolidação de seus continentes e oceanos. Nesse período, a dinâmica climática tornou-se mais variável, com a ocorrência de glaciações cíclicas influenciando diretamente os processos evolutivos e a diversidade da vida no planeta. Também surgem os primeiros registros fósseis de organismos complexos, como os da "fauna de

Ediacara", considerada predecessora da diversificação biológica que ocorreria posteriormente na chamada "explosão Cambriana".

É no éon Fanerozoico, iniciado há aproximadamente 541 milhões de anos, que a vida, tal como a conhecemos atualmente, começa a tomar forma. O sucessivo acúmulo de oxigênio nos oceanos ao longo do Proterozoico possibilitou a expansão da vida na Era Paleozoica, que culminou conseqüentemente no acúmulo de oxigênio também na atmosfera. O Paleozoico foi marcado por uma ampla evolução das espécies, desde o surgimento dos peixes, até os anfíbios e répteis. Com a formação da camada de ozônio foi possível que a vida finalmente avançasse para terra firme, após mais de 2 bilhões de anos restrita ao ambiente aquático.

Apesar da maior estabilidade atmosférica, o clima manteve características cíclicas, em grande parte da Terra devido à sua própria dinâmica astronômica, influenciando diretamente o funcionamento do clima. A ciclicidade dos eventos climáticos e geológicos, associados a crescente evolução da vida, resultou em diversas extinções em massa, algumas das quais quase eliminaram totalmente a vida no planeta. A vida primitiva que estamos acostumados a ver na cultura *pop*, como os grandes insetos e répteis, e até mesmo o supercontinente Pangeia, se desenvolvem somente no Fanerozoico, principalmente durante a era Mesozoica. Os mamíferos só evoluíram da forma que conhecemos hoje a partir da era Cenozoica, o que só foi possível a partir da extinção dos grandes dinossauros. Nosso ancestral mais antigo, o *Australopithecus*, aparece há apenas cerca de 4 milhões de anos. O final da última era glacial, há cerca de 11 mil anos, marca a transição do Pleistoceno para o Holoceno, época geológica atual. A partir disso, as mudanças em escala global são menos marcantes.

Para estabelecer uma relação entre as mudanças climáticas que ocorreram na Terra ao longo dos éons e eras, demos um salto cronológico até a Revolução Industrial, na Inglaterra do final do século XVIII. Através de gráficos, quadros e tabelas com diversas informações sobre as mudanças atmosféricas do planeta, mostramos aos estudantes evidências dos impactos causados pela humanidade nos últimos séculos. A expansão da produção e do consumo em larga escala, que se dá a partir da 2ª Revolução Industrial, em meados do século XIX, se expande por outros países europeus e regiões do planeta, causando mudanças ambientais, principalmente nas dinâmicas climáticas globais. Esta expansão resulta em um incremento na quantidade de elementos químicos como, por exemplo, o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), metano (CH<sub>4</sub>), óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), ozônio (O<sub>3</sub>), dentre outros, lançados na atmosfera. São gases que estão diretamente ligados ao efeito estufa, causando o aquecimento do planeta.

Ao estabelecer uma comparação entre o tempo e a intensidade das mudanças ocorridas no planeta entre antes e depois do aparecimento da espécie humana, estabelecemos um debate a respeito da ideia de que nos discursos majoritários em torno desse tema, a humanidade é, ao mesmo tempo, a grande causadora da “destruição do planeta”, ao mesmo tempo que pode ser a sua “salvadora”. De fato, o planeta, que já funcionava muito tempo antes do surgimento da espécie humana, continuará existindo, com ou sem nós. Importa pensar a intensidade e os impactos das mudanças ocorridas nos últimos séculos. Importa pensar em outros modos de lidar com a dinâmica das mudanças terrestres, sejam elas naturais ou não, e permanecer, aprender a

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

lidar com o presente, estar presente. É o que propõe Haraway (2023, p. 9) a nos desafiar a “ficar com o problema”

em tempos de urgências, é tentador abordar os problemas como quem procura assegurar um futuro imaginado, impedindo que algo que paira no futuro aconteça, colocando o presente e o passado em ordem, a fim de criar futuros para as próximas gerações. Ficar com o problema não requer esse tipo de relação com esses tempos que chamam de futuro. Na realidade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente [...].

Propusemos aos estudantes o exercício de imaginar futuros. É possível imaginar futuros considerando o que foi exposto? Apostamos na colagem como exercício de atenção e criação de histórias com as imagens. Tomamos como referência, a noção de exercícios de atenção com a docência da pesquisadora Karina Dal Pont (2023). Para ela os exercícios de atenção têm a ver com “[...] a oferta de materialidades ao estudo que tensionam um modo de colocar os sujeitos mais atentos ao mundo [...] incita-se olhar deixando-o atento, fazendo o corpo e o pensamento deslizarem pelas práticas e imagens consolidadas na educação (Dal Pont, 2023, p. 65). Tem a ver com o aprender a estar presente, com um combate aos efeitos arrasadores das tecnologias de distração.

A caixa de revistas para recortes ficou sobre uma carteira no centro da sala e os estudantes que estavam organizados em círculo receberam tesouras, colas e uma folha de papel A4. Compor futuros com imagens. Buscar as fotografias nas revistas, selecionar aquelas que se relacionassem com a ideia da composição, arranjá-las na folha e inventar um modo de montar uma outra imagem, uma história. Muita coisa ficou de fora, afinal esse futuro só caberia em uma folha.

### **Criar histórias... a colagem como exercício de atenção e invenção com as imagens**

Exercício de atenção e invenção de histórias. Nos inspiramos em Donna Haraway e Ursula K. Le Guin e o que nos dizem sobre a importância das histórias. Em sua teoria da bolsa de ficção (Le Guin, 2021), Le Guin nos mostra que a história é que faz a diferença. É só através da possibilidade de contar outras histórias é que podemos nos afastar da história do assassino, da história do Herói. Para Haraway (2023, p. 27) “[...] importa as histórias que contamos para contar outras histórias, [...] quais pensamentos pensam pensamentos [...]. Importa quais histórias produzem mundos, quais mundos produzem histórias”. Naquele dia, cada estudante inventou uma história com fotografias retiradas de revistas variadas, com fotografias que foram extraídas de contextos específicos para compor o que os estudantes pensaram/imaginaram sobre o futuro.

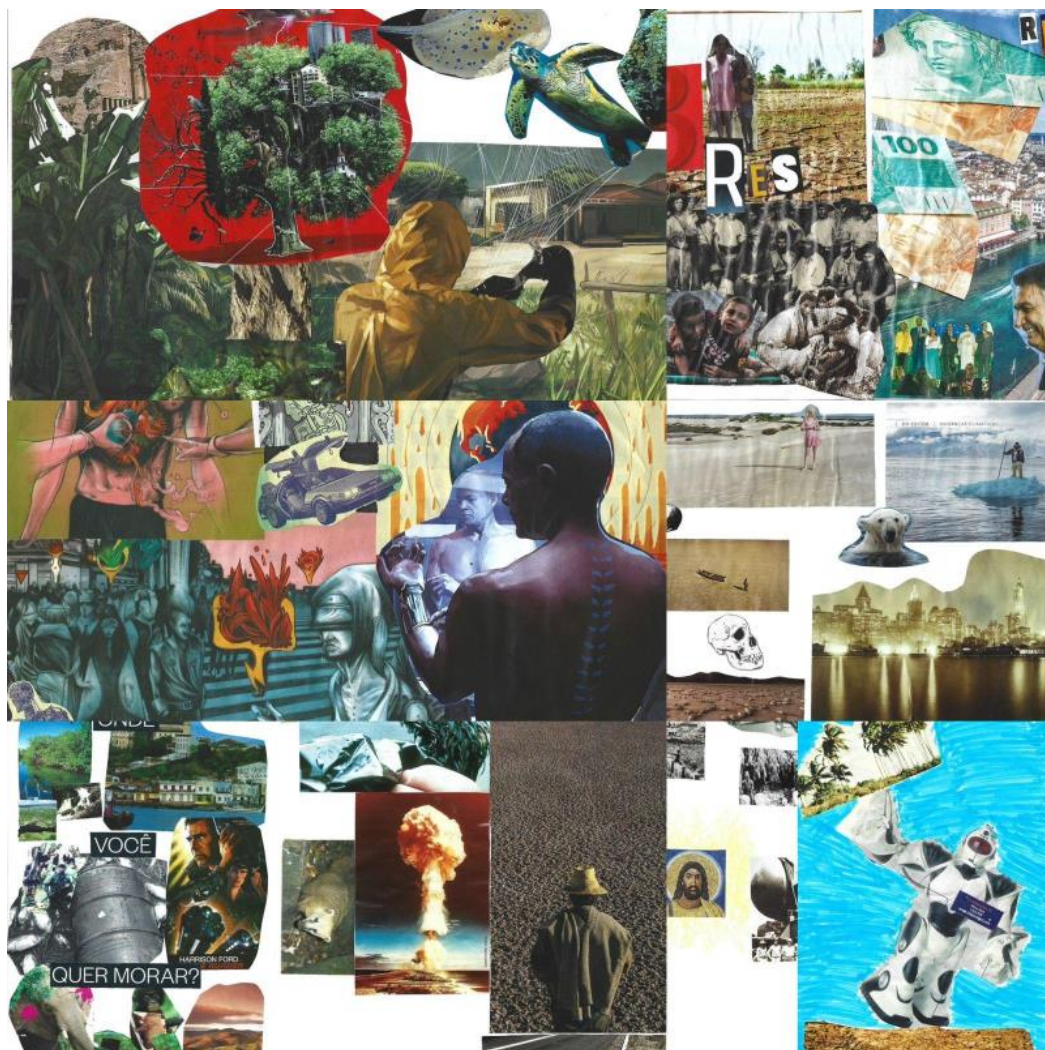
VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

*Eu criei um robozão! Vai entrar uma pessoa dentro como se ela tivesse em coma, sendo mantida a base de soro. Quando deixar o mundo igual tá em cima, aí eles podem reproduzir. Eles conseguem restaurar as coisas. O robô vai entrar na mente deles!*

*Pessimista! Tecnologia e inteligência artificial cada vez mais presentes na nossa vida. E eu acredito que no futuro a gente vai estar mais dentro da tecnologia, mas fazendo coisas cada vez mais estúpidas. A gente depende do planeta e não ele da gente.*

*Vírus, bactérias! Pássaros que para mim, eu acho bonito e não ficar apreciando só telas. Eu queria achar mais imagens de crianças brincando nas ruas, famílias conversando, mas não tem. Um ciclo de derretimento de geleiras e um efeito em cadeia por causa do aumento de gás carbônico na atmosfera.*



VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Fonte: Acervo das autoras, 2025.

Ursula K. Leguin dizia que toda ficção é metáfora, inclusive a ficção científica. Uma dessas metáforas é o futuro “o futuro, em ficção, é uma metáfora” (Le Guin, 2018, p. 17) e a verdade é uma questão de imaginação. As ficções, além disso, trazem consigo os anseios das sociedades que as criaram. Donna Haraway (2023) recorre à ficção nas obras de Ursula K. Leguin e Octavia Butler para nos convidar a semear mundos, a viver em um planeta vulnerável.

Em *Floresta é o nome do mundo*, obra publicada por Le Guin na década de 1970, a colônia de Novo Taiti supriria a demanda de falta de madeira na Terra. As árvores seriam transformadas em tábuas bem serradas que, na Terra, eram mais valiosas do que ouro. Em Novo Taiti os seres humanos haviam sido extintos e eram os crechies que os substituíam. Os crechies eram criaturas com um metro de altura, coberto de pelos verdes e que não sentiam dores como os seres humanos.

Lauren Oya Olamina, a narradora de *A Parábola do Semeador: sementes da Terra* de Octavia Butler, é uma adolescente que tem síndrome de hiperempatia. Ela vive em Robledo, cidadezinha localizada a 32 quilômetros de Los Angeles onde os bairros são cercados por muros e o preço da água é mais alto do que o da gasolina. A obra de Butler, publicada na década de 1990, trata de uma discussão filosófica, cultural e política de um imaginário de um Estados Unidos a partir de 2024. Questões como negacionismo climático, caos político e o papel da religião na vida de uma família cujo pai é um ministro da igreja batista se juntam em uma estória a partir de uma perspectiva afrofuturista da sociedade estadunidense entre os anos de 2024 e 2027.

Na ficção científica ocidental, o sentimento de impotência perante um futuro desastroso e sem possibilidade de saída parece generalizado. Donna Haraway (2023) se inspira nessas autoras para nos convidar a semear mundos, a viver em um planeta vulnerável. O convite feito por Haraway está atrelado a ideias de que a recuperação ainda é possível se aprendermos a “ficar com o problema”. E para aprender a ficar com o problema é preciso estabelecer alianças multiespécies “[...] capazes de transpor a divisão assassina entre natureza, cultura e tecnologia, ou ainda entre organismo, linguagem e máquina” (Haraway, 2023, p. 236). Semear mundos tem a ver com a abertura de estórias das espécies companheiras, com a diversidade de suas estórias e de seus problemas urgentes.

Entre tantas composições imagéticas criadas naquele dia, as estórias de futuro aparecem atreladas majoritariamente a um pessimismo em relação à situação dos seres humanos frente às mudanças que se prospectam e que se mostram cada vez mais desafiadoras. Para a maioria, não há boas esperanças para o futuro, mas sim dificuldades e sofrimento com o avançar das alterações geossistêmicas causadas pela nossa espécie. Mais de um estudante comenta, ao falar um pouco da sua composição, que acredita que chegará um momento em que a humanidade perceberá os problemas que causou, e que os governantes tentarão efetivamente intervir para

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

solucionar os problemas, mas será tarde demais e não haverá mais tempo de retorno. Foi constante na composição de imagens, a presença de um futuro catastrófico, permeado por guerras, secas e desastres naturais, pistas de como se premedita um futuro que não é bom. Assim percebemos a presença de uma visão fatalista que naturaliza um destino que mesmo indesejado, parece ser aceito como inevitável.

As imagens/estórias de futuro criadas pelos estudantes refletem a ideia de que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2009). Além disso, pode se notar uma forte influência das histórias futuristas retratadas na cultura pop, com a presença constante de elementos como a inteligência artificial, robôs e ciborgues. São trazidas principalmente em cenários apocalípticos, onde a intensa presença da tecnologia se coloca como propulsora de colapsos ambientais, entretanto ocasionalmente aparecem como úteis à humanidade. A tecnologia, na visão de alguns, afasta as pessoas umas das outras e da natureza; um dos estudantes gostaria de compor sua imagem de futuro com fotografias de crianças brincando na rua e de famílias reunidas conversando, porém não as encontra naquelas revistas.



Os diferentes níveis de adaptação ou resiliência de outras espécies quando comparados ao dos seres humanos também aparece nas falas de um dos estudantes ao apresentar a sua composição. Como espécie, somos mais vulneráveis e suscetíveis a maiores dificuldades de enfrentar as catástrofes e mudanças que virão, dizem alguns. Nesse sentido, outros seres vivos como baratas e formigas, citados pelos estudantes, possuiriam capacidades próprias de enfrentar as mudanças. Esses outros seres seriam então capazes de viver em paisagens devastadas, assim como os cogumelos selvagens de Anna Tsing (2022). A autora inclusive, cita as baratas como seres “[...] dispostos a tolerar alguns dos distúrbios ambientais produzidos por humanos”

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

(Tsing, 2022, p. 42). É interessante notar que para alguns, os seres humanos não têm essa mesma tolerância. Percebe-se que alguns estudantes expressam uma concepção de mudança bastante atrelada a ideia de um fim de mundo.

Ao lançar a questão “o que você faz quando seu mundo começa a ruir”, Tsing (2022) apresenta vários exemplos do que chama de horrores, e assume que eles existem. Ela diz

O clima do mundo está descontrolado e o progresso industrial provou ser muito mais letal para a vida na Terra do que poderíamos ter imaginado há um século. A economia não é mais uma fonte de crescimento ou otimismo; qualquer emprego pode desaparecer com a próxima crise econômica. E não se trata apenas de temer uma onda de novos desastres: eu me vejo sem o amparo de histórias que indiquem para onde estamos indo e por quê (Tsing, 2022, p. 44)

Assim como a geógrafa Doreen Massey (2008) elabora uma crítica a respeito do modo como imaginamos o mundo, colocando os lugares numa fila única da história, negando as diferenças espaciais e multiplicidades das histórias até-agora, Tsing (2022) também alerta para que evitemos suposições de que o futuro seja uma via de única direção e de que as histórias de progresso nos deixaram cegos. Todas essas mulheres cientistas nos mostram que é preciso criar histórias que se diferenciem das histórias dos heróis, dos assassinos, dos colonizadores. E como fazer isso? Exercitando a nossa atenção também pela via das imagens.

As colagens aparecem também como exercícios de criação de histórias com o mundo já que através delas é possível compor com fotografias do presente, imagens e histórias de futuros. Tornam-se espaços para exercitar a atenção: seleção das fotografias, os modos como serão dispostas, a montagem e a fixação, nesse caso, em uma folha de papel A4. O exercício coloca as imagens em movimento, torna possível o encontro com outras imagens e outros mundos, funcionam como espaços de criação de histórias em que as mudanças são parte do funcionamento das coisas e não vias de mão única para o alcance do progresso e do desenvolvimento, como nos dizem as histórias dos heróis.

## Referências

BUTLER, O. E. **A parábola do semeador**. Trad. de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2018.

DAL PONT, K. R. **A casa: modos de fazer docência**. *Perspectivas Em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 10(24), 58-74. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/17716>. Acesso em: 05 ago. 2025.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Trad. de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HARAWAY, D. Habitar a barriga do monstro. In: DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E.; SALDANHA, R. (orgs.). **Os mil nomes de Gaia**. Do Antropoceno à Idade da Terra. Rio de Janeiro: Machado, 2022.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chtchuluceno. Trad. de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, U. K. **A teoria da bolsa de ficção**. Trad. de Luciana Chierigati, Vivian Chierigati Costa. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LE GUIN, U. K. **Floresta é o nome do mundo**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2020.

TSING, A. L. **O cogumelo no fim do mundo**. Trad. de Jorge Menna Barreto, Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.